

Alexandra Ferreira*

“Poemas-que-incluem-história”: Ecos de Fernando Pessoa em *Escuro*, de Ana Luísa Amaral¹

Resumo:

O livro *Escuro*, de Ana Luísa Amaral, publicado em 2014, estabelece um diálogo claro com a obra de Fernando Pessoa, em particular com a *Mensagem*, de 1934. A “epopeia do quotidiano” de Amaral desmonta a epopeia apresentada por Pessoa em *Mensagem*, trazendo para a cena poética um olhar feminista, mais atenta às margens da História e àqueles que a habitam. Explorando o conceito de Adrienne Rich de poesia como “re-visão”, Ana Luísa Amaral problematiza a narrativa histórica oficial e “re-vê” a tradição com “novos olhos”.

Palavras-chave:

Ana Luísa Amaral, Fernando Pessoa, epopeia, “re-visão”, feminismo

Abstract:

Published in 2014, Ana Luísa Amaral’s *Escuro* establishes a dialogue between Fernando Pessoa’s literary works, particularly with *Mensagem*, from 1934. Amaral’s epic of the daily life dissembles the traditional epic presented by Pessoa in *Mensagem*, bringing to the poetic scene a feminist point of view that focus on the margins of History and on those who inhabit them. Exploring Adrienne Rich’s concept of poetry as “re-vision”, Ana Luísa Amaral questions the official history and “re-sees” the tradition with “fresh new eyes”.

Keywords:

Ana Luísa Amaral, Fernando Pessoa, epic, “re-vision”, feminism

É nos períodos de agitação política, não tão profunda que abale tudo, mas bastante profunda para que todos a sintam e a todos doa, que são scriptas as obras litterarias em que a disciplina, a construção estudada são características notáveis.

Fernando Pessoa

*Hoje, os jornais nesta manhã sem sol
Falam de coisas tão brutais
(...)*

Ana Luísa Amaral

“A poesia, a arte, desarrumam para tentar arrumar por dentro”, diz Ana Luísa Amaral na oração de sapiência na Abertura Solene do ano letivo 2018/2019 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2018: 9). Nesse mesmo discurso, a poeta refere a capacidade de inserção da poesia “na totalidade”, inscrevendo-se assim “nas falhas, nas fissuras do desejo dessa totalidade” (*ibidem*). Para a autora, a poesia não tem obrigatoriamente de ter uma mensagem, contudo, quem escreve, ao inserir-se no mundo, pode escrever poesia que se relacione com esse mesmo mundo. A poesia pode então desempenhar diferentes papéis, funcionando como um meio para “preservar (...) a história” e conservar as memórias, como “antídoto para a injustiça”, ou “como sensibilização para a resistência” (*idem*: 11). São os efeitos e as relações que as palavras têm com o mundo e com os seres humanos que nele habitam que dominam as preocupações poéticas, políticas e críticas de Ana Luísa Amaral. O seu diálogo constante com as palavras, o diálogo das palavras com a vida, bem como o modo como ambas se influenciam mutuamente, fascina a poeta e incentivam a sua criação poética a ponto de dedicar odes (modernas) aos aspetos mais banais da existência, partindo de simples aspetos do quotidiano para depois se deslocar para um plano filosófico (cf. Soeiro 2022).

Numa sessão do ciclo de *masterclasses* intitulado *Pessoa Convida Pessoas*, Ana Luísa Amaral expõe o seu modo de ver a tradição, algo “possível de ser moldada e constantemente revista, dialogada”, e com a qual a poesia mantém uma relação “eminentemente plástica” (Amaral/Santos 2018 I: 02:00-04:00). A autora acrescenta ainda a importância que o passado e a tradição têm para a constituição do “eu, aqui e agora”, pois a tradição literária “é identidade e identificação, e a identificação produz-se pela construção de memórias”, sendo que essas memórias são produzidas e resgatadas, não apenas a partir da História, mas também a partir da literatura (*idem*: 03:00).

O seu livro *Escuro*, publicado em 2014, relewa de um diálogo com a obra de Fernando Pessoa, em particular com a *Mensagem*, de 1934, diálogo esse assumido por Ana Luísa Amaral. *Escuro*, nas palavras da própria autora, “dialoga todo ele com *Mensagem* (...) revê (...) *Mensagem*” (Amaral/Santos 2018 I: 14:00). Os ecos e traços pessoanos na sua poesia, em *Escuro* e em outros

poemas, apresentam-se sob determinadas formas, quer seja através da capacidade de criação do múltiplo dentro do espaço poético – que em Amaral se manifesta segundo a multiplicidade de vozes –, quer através da dialética do fingimento e da sinceridade, quer ainda através do diálogo com a tradição. Neste ensaio, prestar-se-á particular atenção a este último aspeto, uma vez que, em *Escuro*, Amaral procede a um questionamento da História e da tradição literária, revisitando a obra pessoana *Mensagem* e procurando olhar o passado a partir de novas perspetivas, de modo a imaginar novos futuros. Como afirma Amaral, na conversa atrás referida, a propósito do poema “D. Dinis”, de *Mensagem*, para Pessoa, a poesia representava um “motor que permite sonhar o futuro” (*idem*: 00:13). A poesia e o sonho, ou a imaginação “são as palavras que podem camuflar a vida, mas a vida nunca deixa de lá estar” (*idem*: 10:00).

Escuro traz consigo, como bem notou Eduardo Lourenço, “as sombras soberanas de Camões e Pessoa” (Lourenço 2014: 200), num diálogo que permite a revisão de um passado literário e histórico, numa “sábia combinação”, como escreve Maria Irene Ramalho, “do velho e do novo, do pessoal e do político, do erudito e do doméstico, do solene e do cómico” (Ramalho 2022: 09:00).² Procurar-se-á, assim, analisar a forma como, em *Escuro*, a autora desconstrói uma série de “valores ocidentais, suas glórias e misérias (...) suas inclusões e suas brutais exclusões” (*ibidem*), fazendo desta uma poesia tão ligada ao social e aos propósitos éticos.

Escuro e *Mensagem* podem ser descritos como dois longos “poemas-que-incluem-história”, para usar uma expressão de Maria Irene Ramalho (2014: 161).³ Separadas por quase um século, ambas as obras podem ser catalogadas como epopeias embora alterem a definição tradicional de epopeia. Estabelecendo um diálogo com a tradição e o cânone, e situando-se num mesmo plano geográfico – Portugal – as duas epopeias divergem nas reações que apresentam ao seu tempo e ao contexto político nos quais se inserem.

António Apolinário Lourenço, em “*Mensagem* e utopia: a leitura pessoana da história de Portugal”, sublinha a competência do género épico de “ser a expressão do conjunto de valores éticos que definem e unificam a comunidade” (Ramalho/ Pereira /Lourenço 2006: 83), Podemos, de facto, distinguir em *Mensagem* várias características épicas: “um episódio central (ou uma série de episódios) respeitante a assuntos lendários ou tradicionais”, o estilo elevado e heróico, os temas “lendários [e] tradicionais” contados numa “série de episódios”, bem como uma presença de forças sobrenaturais por parte das figuras de destaque na História portuguesa (Shaw 1982: 173). A epopeia pessoana, embora singularize várias figuras, aproveita a História da nação portuguesa, tendo por personagem heróica não uma figura central que desafia os deuses, mas uma personagem coletiva – o povo português que, neste caso, não desafia os deuses, mas cumpre a missão providenciada por um único Deus.

Escuro, por sua vez, e enquanto poema épico, distingue-se de outros textos pelo facto de não ter como objetivo a glorificação dos feitos de um povo do mesmo modo que *Mensagem* o faz. A epopeia construída por Ana Luísa Amaral é uma “epopeia do mínimo”,⁴ ou melhor (e para aproveitar os versos da própria autora), uma *epopeia do átomo*, dos “vários estados/ da matéria” (Amaral 2021: 62). Aliás, não é apenas nesta obra que se observa a presença de um trabalho simultâneo da matéria mais elementar e da imensidão cósmica, como ressaltou

Rosa Maria Martelo, aquando do lançamento do livro de poesia *Mundo*.⁵ Para a poeta, a mesma matéria participa na composição dos diferentes seres que habitam o planeta, pelo que a sua epopeia não favorece hierarquias, mas participa num estabelecimento de igualdade entre esses seres. As figuras que encontramos em *Escuro* são trabalhadas ao mesmo nível que outras personagens e seres menores (maioritariamente deixados de parte nas grandes epopeias tradicionais). Veja-se o livro *Epopeias* (1994), de Ana Luísa Amaral, e o modo como o próprio título remete desde logo para a existência não de uma epopeia particular, mas de várias epopeias, de várias realidades mínimas que trabalham na construção do todo.

Apesar das suas diferenças, as obras de Pessoa e de Ana Luísa Amaral estabelecem um fecundo diálogo entre si e com a tradição anterior, constituindo-se ambas como “longos poemas-feitos-de-poemas” (Ramalho 2014: 161): *Mensagem* dialoga com *Os Lusíadas* de Camões e *Escuro*, por sua vez, dialoga com *Mensagem*, bem como com toda uma tradição que o antecede. O diálogo estabelece-se por meio de referências diretas a figuras em comum (como o Adamastor ou Mostrengo, por exemplo), por alusões e também por meio da desconstrução de determinados episódios históricos (como por exemplo, a história do Infante D. Henrique). No caso de Amaral, muitas vezes, esse diálogo é levado a cabo através da construção de um “avesso de poemas já antes ambigualmente celebratórios da nação enquanto utopia possível” (*ibidem*).⁶

A construção desse avesso opera-se, muitas vezes, por meio de uma “re-visão” no sentido que Adrienne Rich lhe dá, no seu ensaio “When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision”: uma forma de observar o passado, partindo de uma nova perspetiva, que permite a análise de um texto a partir de uma nova direção crítica:

Re-vision the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of enter-ing an old text from a new critical direction is for women more than a chapter in cultural history: it is an act of survival. (...) We need to know the writing of the past, and know it differently than we have ever known it; not to pass on a tradition but to break its hold over us. (Rich 1971: 182-3)

A “re-visão”, como afirma Rich, permite um novo olhar sobre os textos antigos, uma nova forma de interagir com a tradição, não com o objetivo de superar a tradição ou de eliminar a influência de outros autores por meio de um confronto, como sugere a conhecida tese bloomiana (no recurso ao conceito de *askesis*), mas para procurar o lastro de outras vozes ou de outros textos e espaços em que as mulheres existiram ou poderiam ter existido. No caso de Ana Luísa Amaral, a “re-visão” e a reescrita é muitas vezes feita através do questionamento do cânone, pondo em causa a tradição, não para a negar, mas para a enriquecer, concorrendo para a atualização da sua relação com o presente. Não existe uma tentativa de negar o passado, mas sim de entendê-lo de forma inclusiva, dando oportunidade a figuras que a partir da narrativa canónica acabaram por desaparecer.

Mensagem e *Escuro* diferem, pois, no diálogo que estabelecem com a tradição e com o seu contexto de escrita, uma vez que se situam em tempos históricos diferentes. A diferença

temporal carrega consigo uma diferença óbvia na abordagem feita ao contexto e ao diálogo estabelecido entre as obras. Amaral apresenta, relativamente à tradição, uma postura de subversão, dando voz inclusive, às musas antes “cantadas pela tradição”, como afirma Maria Manuela Moreira Gens na sua tese *Intertextualidades na poesia de Fiama Hasse Pais Brandão e de Ana Luísa Amaral* (Gens 2020: 75).⁷

Pessoa, com a sua epopeia, procura despertar a nação num “período extremamente agitado da história de Portugal” (Martins 2008: 499). Um período marcado por diversas alterações políticas: a queda da monarquia, a implantação de um novo sistema político – a República – em 1910, que viu a sua viabilidade comprometida desde logo ao ter contra si um dos pilares mais importantes para o país à época: a igreja católica. Esta medida dividiu desde logo a população e gerou muito descontentamento, o que facilitou a entrada de um governo ditatorial em 1926.⁸ Pessoa viu o seu país, após a sua chegada de África do Sul em 1905, sofrer uma “revolta face à prepotência da Inglaterra e à subserviência demonstrada pelo Governo português” (*ibidem*). Segundo o historiador Rui Ramos, apesar de uma ligeira mudança, as primeiras décadas do século XX “corresponderam, segundo as estimativas de que dispomos hoje, à maior divergência de rendimentos entre Portugal e os outros países europeus nos últimos 200 anos. (...) A maior parte dos portugueses trabalhava literalmente para comer (...)” (Ramos *et. al.* 2009: 596-597).

A necessidade sentida por Pessoa para fazer de Portugal o centro de um Quinto Império,⁹ diferente dos anteriores, cujo material primordial seria a língua portuguesa, traduziu-se na escrita da *Mensagem*, uma obra com um carácter nacionalista bastante marcado, quer pela chamada de feitos históricos portugueses, quer pela recuperação de mitos da nação de modo a relembrar o povo português da sua história. *Mensagem* deparou-se com vários obstáculos no seu tempo, resultando em diferentes controvérsias em torno da sua receção. A atribuição da segunda categoria no concurso organizado pelo SPN (Serviço de Propaganda Nacional¹⁰) dificultou a receção da obra, pois esta parecia surgir desvinculada do Estado Novo. A aproximação (na época e posteriormente) da obra *Mensagem* à política ditatorial foi também ela feita erroneamente. Pessoa não era um apoiante do regime de Salazar nem sequer tinha afiliações políticas vincadas. Num contexto de instabilidade política e decadência económica da nação portuguesa, o poeta tentou recuperar o que entendia por espírito português que ele acreditava existir e cantar o alegado passado glorioso de Portugal. Para tal, criou *Mensagem*, esse longo texto composto por 44 poemas, marcadamente nacionalista (mas não próditadura), e foi incentivado a publicá-lo por alguns amigos, incluindo o próprio António Ferro, director do SPN, que tudo fez para que a obra fosse a concurso. Apesar da possibilidade de um alto sucesso, à *Mensagem* foi atribuído o segundo prémio, e incluído na categoria de “poema ou poesia solta”. *Mensagem* passaria a ser considerado por muitos críticos um poema longo e não propriamente um livro.¹¹ (Barreto 2018: 290, 296).

É certo que a obra de Pessoa não teve a atenção merecida no seu tempo. *Mensagem* foi considerada demasiado “elíptica” e “hermética”, ou, nas palavras de Alberto Osório de Castro, demasiado complexa para “chegar à alma clara e simples do povo português” (*apud* Barreto

2018: 296, 297). Apesar dessa singularidade, foi-lhe atribuído o mesmo valor monetário que ao primeiro premiado. De facto, no anúncio dos prémios literários do SPN, o discurso de António Ferro parece sugerir que a obra de Pessoa não foi incluída na primeira categoria apenas por questões de regulamento (*idem*: 305); caso contrário, teria sido uma forte candidata ao primeiro prémio. *Mensagem* destaca-se das restantes obras a concurso de forma evidente uma vez que, como nota Barreto, “[o]s livros premiados nos outros géneros literários tinham em comum serem obras de intelectuais salazaristas e versarem temas de evidente interesse doutrinário ou utilidade política para o Estado Novo, tudo muito distante do perfil político e das preocupações e interesses de Fernando Pessoa” (*idem*: 311).

Enquanto as restantes obras pareciam ter propósitos bastante marcados com relação ao Estado Novo, Fernando Pessoa não sentia ligação ao regime salazarista (cf. Lopes 1993: 372). Noutros escritos do autor observa-se essa desvinculação em relação ao regime, nomeadamente (e de forma bastante acentuada) no poema satírico “António de Oliveira Salazar” (Pessoa s/d). Nele, Pessoa desmonta o nome do ditador, analisando cada nome de forma irónica e humorística, referindo as palavras que constroem o apelido “Salazar” (“sal e azar”). Também “Elegia na sombra”, um poema de 1935, apresenta uma perspectiva contrária ao longo poema que é a *Mensagem*. Nele, o poeta contraria a visão dada na obra publicada no ano anterior, expondo o estado do seu país. Nos versos transcritos a seguir pode inclusive perceber-se uma referência à *Mensagem*, sendo que neste poema, esta obra introduz uma ilusão num momento “sem nexos”, “sem suporte” (Pessoa 1935):

Pátria, quem te feriu e envenenou?
Quem, com suave e maligno fingimento
Teu coração suposto sossegou
Com abundante e inútil alimento?

A resposta a estes versos pode ser o próprio Pessoa que, com a obra de 1934, tenta reanimar a alma do povo português,¹² através do uso de mitos e da História de Portugal, transformados através da poesia, ou seja, do fingimento (aqui entendido como negativo – “maligno” – por enganar a Pátria), de forma a criar uma nova epopeia.

A valorização posterior atribuída à *Mensagem* dá-se por meio dos inúmeros estudos realizados já num contexto desvinculado do regime ditatorial, antes quase inevitável. A intervenção de Pessoa centrava-se no renascimento do espírito português capaz de construir impérios como outrora. Numa resposta a um inquérito elaborado por Augusto da Costa, Pessoa esclarece a sua visão da “reconstrução nacional”, dizendo que esta se realizaria desta forma: “[pela] construção ou renovação e a difusão consequente e multímoda de um grande mito nacional. (...) Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. (...) não temos que criar um mito, senão que renová-lo” (*apud* Azevedo 2001: 198). *Mensagem* faz o levantamento dos mitos de uma forma metódica, acrescentando-lhe o aspeto misterioso da simbologia. Essa simbologia surge inclusive no uso dos números

como signos de uma mensagem oculta e disseminada ao longo da obra. Encontramos de imediato a presença do número três na organização textual. A divisão tripartida da obra permite uma organização da História da nação (Ramalho/Pereira /Lourenço 2006: 83) através da apresentação do seu passado (na primeira parte), de um presente (na segunda parte) e do futuro sonhado (na última secção).¹³

Publicado quase um século depois, *Escuro*, de Ana Luísa Amaral centra-se em aspetos distintos dos de Pessoa. A epopeia de Amaral, também um extenso poema narrativo, utiliza episódios históricos, temporalmente distantes, mas aplicáveis ao tempo presente da escrita da obra, através do processo de revisão dessa História (e das histórias, como se verá de seguida). A sua linguagem não é uma linguagem erudita e rebuscada, como se observa em Pessoa, mas sim a linguagem corrente do dia-a-dia. Também as figuras em que se centra não são figuras lendárias e sobrenaturais, mas figuras de carne e osso. Para além disso, enquanto a preocupação de Pessoa reside na inserção e revalorização de Portugal no plano mundial, essa preocupação em Amaral não se restringe apenas à sua posição enquanto cidadã ou escritora portuguesa, mas enquanto ser humano no mundo. O que preocupa a poeta é, de facto, a articulação entre a dimensão universal e a dimensão particular. Como refere Eduardo Lourenço, em “Obscura luz [recensão crítica a *Escuro*, de Ana Luísa Amaral]”, a obra de Amaral é “um breve memorial poético da aventura ocidental que serve a *Escuro* de roteiro de viagem da nossa memória mitificada, relida agora com os olhos e as exigências éticas de tempos herdados de outros tempos” (Lourenço 2014: 200-201).

Convirá lembrar que, em 2014 (ano da publicação da obra), a nível interno, Portugal democrático enfrentava uma crise financeira de alguns anos e dependia de ajudas financeiras externas (nomeadamente, da Troika). Uma vez mais, o país apresentava uma atitude de dependência perante o panorama mundial, como acontecera outrora. A esperança numa recuperação lenta, mas positiva parecia alastrar-se; contudo, a realidade dos seus habitantes contrastava com esse optimismo.¹⁴ A primeira década do século XXI apresentou, de modo geral, um aumento do desemprego (segundo a base de dados *Pordata*), mais precisamente até ao ano de 2013, sendo que a partir do ano de 2014 a diminuição começou a ser gradual. Dentro desta realidade, a disparidade entre pessoas do sexo feminino e do sexo masculino é evidente, ainda que por uma décima (14,3% e 13,5%, respetivamente). Ao mesmo tempo, o país sofreu um envelhecimento da população de forma bastante significativa. A esperança média de vida aumentou, o que se revela positivo tendo em conta os avanços na área da medicina, contudo a população jovem diminuiu (consequência de menos nascimentos e do aumento das imigrações). Assistiu-se também ao aumento do fenómeno da saída das zonas rurais para as cidades, tornando o interior do país a área mais envelhecida e mais isolada.

Ainda no ano de 2014, de acordo com um artigo publicado no jornal *Observador*, houve uma diminuição da emigração permanente (que tinha vindo a aumentar até então), mas registou-se um aumento da emigração temporária (2013 registou 74.322 pessoas, e em 2014, 85.052). No movimento inverso, regista-se também um aumento de 11%; em 2013, Portugal registou 17.554 imigrantes e, em 2014, registou 19.516. O saldo migratório revelava-se negativo

e, como refere a demógrafa Maria João Valente Rosa no mesmo artigo, “Portugal, olhando para os números do saldo migratório, perdeu o seu interesse. Quando saem mais pessoas do que aquelas que entram, é sinal de que há falta de interesse no país” (Dias 2015: para. 7). De modo geral, Portugal encontrava-se ainda a sofrer os choques de uma crise financeira que empobreceu os seus cidadãos.¹⁵

Muitos dos problemas que ocorriam em Portugal encontravam-se também a nível mundial, não sendo exclusivos do nosso país. Numa recolha de informação sobre o ano de 2014 a nível global, destacam-se desde logo os diversos conflitos armados entre países e o consequente crescimento dos movimentos migratórios que, por sua vez, levou ao aumento de população nos países mais desenvolvidos (com destaque para o continente europeu); um alastrar da pobreza; inúmeros casos de violência contra as mulheres; o aumento de atos terroristas um pouco por todo o mundo; catástrofes humanas e naturais (sendo estas últimas uma consequência evidente da destruição progressiva do planeta); revoluções por ideais independentistas, assim como o surgimento em maior número de atos que ameaçavam a liberdade humana.

É nesta condição que a função da literatura vai além da criação estética, inserindo-se numa dimensão interventiva na sociedade, como refere de forma bastante clara a ensaísta Maria de Lourdes Belchior, quando afirma que “[a] obra literária (e a literatura, em consequência, como conjunto de obras literárias) é também elemento que pode alterar o devir da história; é fator de intervenção, é acto e compromisso com sequências (...)” (Belchior 1973: 12). Esta capacidade de intervenção da literatura na sociedade é também sentida nas obras de Ana Luísa Amaral. Para a autora, a literatura é um meio de compreensão do mundo e, por consequência, do Outro, uma tradução do mundo e do que nele existe, mas também um meio de intervenção que pode alterar o rumo da história. Como refere no seu livro de ensaios *Arder a Palavras e Outros Incêndios*, “a leitura não está só relacionada com livros, mas com o mundo, ou seja, ‘não sabemos ler o mundo’ e, portanto, não lemos os outros” (Amaral 2017: 12). Amaral intervém no social, levando a poesia para o social e o social para a poesia, num “gesto ético” dentro do poético (*idem*: 232). Para Amaral, a literatura permite aceder ao entendimento do mundo, tanto de um tempo presente, como de um tempo já passado. Para Pessoa, a literatura permite o acesso ao conhecimento de “ideias de uma época” que terá “interesse para a posteridade” (1912b: 2).

Mensagem procurava afirmar a existência de Portugal no plano internacional, recorrendo ao seu passado histórico e mítico, na tentativa da criação de um país utópico: “Pessoa cria um Portugal mítico porque o real não o satisfaz, nem pela mentalidade acanhada, nem pelas instituições em crise” (Gomes 1993: 92). *Escuro* centra-se num Portugal diferente, alargando o seu escopo além-fronteiras. A epopeia de Ana Luísa Amaral extravasa o seu espaço geográfico e distingue-se da de Pessoa por se tratar de uma epopeia do quotidiano, que se ocupa das questões mínimas da vida do ser humano e supostamente mais simples.

Este alerta assemelha-se um pouco ao propósito de *Mensagem* no seu tempo. Atente-se, por exemplo, nos títulos das obras. *Mensagem*, que esteve para se chamar “Portugal”, revela uma maior carga mística com o seu título final. Pessoa, chamando a si a tarefa mítica de um “supra-camões”, na tentativa de reerguer o império português, torna-se uma figura profética.

A carga profética surge no título da obra e na sua figura, como carregando uma “mensagem” que representa a criação de um Quinto Império. A contribuir para a dimensão mística da obra, esta faz-se acompanhar de quatro epígrafes: uma que serve de abertura a toda a obra – “*Benedictus dominus deus noster qui dedit nobis signum*” (“Bendito seja Deus Nosso Senhor por nos ter dado o sinal” [Pessoa 2019: 96]) – e outras três que introduzem cada uma das suas partes. A epígrafe que abre a primeira secção – “*Bellum sin bello*” (“guerra sem guerra”, *ibidem*) – revela-se um oxímoro bastante significativo para a obra, tendo em conta outros oxímoros que surgem ao longo dos poemas, assim como se revela uma descrição da representação do povo português feita por Pessoa. A epígrafe de introdução a “Mar Português” – “*Possessio maris*” – revela-se uma “espécie de tradução do título geral da segunda parte do livro” (*idem*: 100). Por último, a epígrafe final – “*Pax in excelsis*” (“Paz nas alturas”, *idem*: 96) – remete, tal como esta última secção, para uma dimensão espiritual e povoada por mitos de forma mais acentuada.

Quase um século depois, encontramos em Amaral o “escuro” da *Mensagem*, tendo em conta um dos propósitos da obra de 2014: revelar o que não é dito, o que é deixado à margem, não apenas de *Mensagem*, mas também da História e, consequentemente, da tradição. Paralelamente, se se pensar em realidades escondidas no escuro e no ato de enunciar a verdade, ou melhor, as várias verdades, a poesia (*i.e.*, a palavra) incorpora aqui a luz, por oposição à escuridão. Esse jogo entre luz e escuro surge desde logo nas epígrafes que abrem a obra: “The morning comes, the night decays, the watchmen leave their stations”, de William Blake, retirada de *America a Prophecy* (1793) e “sin otra luz y guía/ sino la que en el corazón ardía”, de Juan de La Cruz de *Noche oscura* (1577-1579?). Observa-se nestas duas citações o mesmo jogo entre o claro e o escuro que a autora desenvolverá na sua obra. Na primeira citação é transmitida a ideia da chegada do dia, a chegada da luz depois de um período de escuridão (a noite) e a figura dos “watchmen” surge na obra com a mesma simbologia do próprio poeta. Repare-se na ilustração presente na capa da obra (uma figura que carrega uma luz, que parece ser a única fonte de iluminação) e no modo como tanto esta figura da capa, como os “watchmen” e o/a próprio/a poeta têm em seu poder a luz. O poema e a poesia em geral funcionam, neste caso, como a fonte de luz que vai interromper o escuro. A citação de Juan de La Cruz vem dialogar com esta ideia, complementando-a, na medida em que atribui à figura do e da poeta a função de guia. De facto, todas estas figuras presentes nos elementos referidos têm em comum entre si a posse de uma luz que quebra o escuro da noite, o escuro da história, surgindo como guias por meio do verso.

Por outro lado, se aplicarmos o título *Escuro* aos títulos dos poemas, verificamos como, para a maioria deles, essa nomeação produz um efeito que vai ao encontro do propósito da obra: por exemplo, o *escuro* d’ “A génese” produz o efeito do que se verificará nesse poema (a revelação do que também ocorria “na génese das coisas” [22]); o título “Outras vozes” remete para o Outro, que por sua vez, tendo em mente a presença do escuro, aponta para o possível desconhecido ou, por outras palavras, o que está no escuro do conhecimento. A carga que *Escuro* carrega consigo funcionará em quase todos os títulos, incrementando assim o sentido da obra. Da mesma forma, escuro remete também para o outro lado da tradição explorado em vários poemas do livro.

De facto, *Escuro* enceta um processo de “re-visão” da tradição literária, fazendo-a dialogar com o contemporâneo. Ana Luísa Amaral demonstrava um grande empenho no projeto de “re-visão”, não somente do cânone literário, mas também da própria língua, nomeadamente um certo cuidado para com a mesma de forma a não cair em falsos neutros. Em *Arder a Palavra*, a autora lembra que “a poesia não discrimina, que é a *especialização* (a *ciência*, a *estética*, a *teoria*, a *reflexão poética*) a maior fonte de preconceito” (Amaral 2017: 26). E acrescenta: “Partindo do princípio de que não há terrenos neutros no sistema e na cultura que nos são (a mulheres e a homens) desigualmente comuns, poderia levantar também a questão da neutralidade da arte” (*ibidem*). O facto de a cultura ser um produto humano e social permite-nos questionar essa dimensão neutra das artes. O cânone, bem como a linguagem, devem mostrar sempre um grau de flexibilidade que permita este processo de “re-visão” de modo a que a sua definição esteja sempre “disponível para uma redefinição” (Ramalho 1994: 19).

A nível estrutural, a obra de Ana Luísa Amaral assemelha-se bastante à obra pessoana, dividindo-se em três partes principais bastante equilibradas entre si. A secção de abertura e a secção final apresentam dois poemas cada, enquanto a segunda secção é constituída por um conjunto de 16 poemas. A obra abre com a secção intitulada “Claro-escuro”, que remete desde logo para a existência de uma dicotomia, assim como os poemas presentes na mesma – “Das mais puras memórias: ou de lumes”, “Entre mitos: ou parábola”. Chamo a atenção para a função destas conjunções disjuntivas (“ou”) que não apontam para uma dicotomia, antes sublinham uma ideia que está presente desde o início do livro: a de um lugar entre-lugares. Um espaço intermédio, característico da poética da autora e que se apresenta como indefinido, desde logo pela questão do “claro-escuro”, algo entre os dois tons. Assim como o estar “entre mitos” do segundo poema de abertura. Esta presença de um estado intermédio irá ser encontrada um pouco por toda a obra. A presença entre tempos permitirá a “re-visão” do passado, ao mesmo tempo que se procede à análise do tempo presente. Na secção II é levada a cabo a “re-visão” de figuras e episódios históricos através de referências diretas a *Mensagem*, desencadeando assim o diálogo evidente com a tradição. A sua visão sobre essas figuras e as pequenas histórias que constituem a grande teia da História, diferencia-se – e muito – da visão pessoana, até pelo modo como Ana Luísa Amaral insere figuras ausentes em *Mensagem*, desconstrói as figuras existentes e as suas histórias, e insere um avesso do ponto de vista anterior. Por último, na terceira secção da obra, a relação com Fernando Pessoa torna-se mais notável e direta, destacando-se a referência a outros poemas do autor e ao seu estilo de escrita.¹⁶

Tal como acontece com *Mensagem*, também *Escuro* apresenta uma distribuição de tópicos idêntica, sendo que, num primeiro momento, se aborda o passado e a História do país; numa segunda secção, são referidas figuras da História; e, na última secção, projeta-se um olhar sobre um futuro incerto, colocando questões para as quais parece não haver uma resposta certa e fixa. Deste modo, o “poema-que-inclui-história” de Amaral permite uma articulação com a História de uma forma geral e universal, mas também com as diferentes histórias – ao nível da epopeia do átomo –, onde se explora a nível individual as diferentes personagens,

analisadas a partir do processo de re-visão. A poesia abre-se como um espaço de possibilidade, uma fonte de criação de mundos paralelos, onde se torna possível o ensaio de diferentes realidades. Em *Escuro* recua-se, assim, até um “passado pré-colonial” (Ramalho 2014: 164), partindo de uma visão do presente sobre o passado, operando um trabalho entre tempos. Aí, as figuras do passado são trazidas para o presente, por meio de uma perspectiva que abarca um horizonte mais vasto, que parte do presente da escrita até ao passado, tendo em conta diversos momentos históricos e diferentes perspectivas. A diferença do olhar de Pessoa e de Amaral sobre uma mesma realidade (apesar de se situar num outro registo temporal) está bem presente nos poemas que se centram na Europa, como veremos. O olhar pessoano foca-se num passado de Descobrimentos, partindo do Portugal salazarista de inícios do séc. XX. O olhar de Amaral carrega um maior número de ferramentas, mais atualizadas, o que permite também uma maior inclusão através da atualização das leituras feitas da tradição (Amaral 2017: 52).

Começemos pela secção I de Ana Luísa Amaral, “Claro-escuro”, na qual o sujeito poético alerta os leitores e leitoras para o estado do mundo. Cito o poema que abre a obra, intitulado “Das mais puras memórias: ou de lumes”:

Ontem à noite e antes de dormir,
a mais pura alegria

de um céu

no meio do sono a escorregar, solene
a emoção e a mais pura alegria
de um dia entre criança e quase grande

e era na aldeia,
acordar às seis e meia da manhã,
os olhos nas portadas de madeira, o som
que elas faziam ao abrir, as portadas
num quarto que não era o meu, o cheiro
ausente em nome

mas era um cheiro entre o mais fresco e a luz
a começar era o calor do verão,
a mais pura alegria

um céu tão cor de sangue
que ainda hoje, ainda ontem antes de dormir,
as lágrimas me chegam como então, e de repente,
o sol como um incêndio largo

e o cheiro as cores

Mas era estar ali, de pé, e jovem,
e a morte era tão longe,
e não havia mortos nem o seu desfile,
só os vivos, os risos, o cheiro
a luz

era a vida, e o poder de escolher,
ou assim o parecia:

a cama e as cascatas frescas dos lençóis
macios como estrangeiros chegando a país novo,
ou as portadas abertas de madeira
e o incêndio do céu

Foi isto ontem à noite,
este esplendor no escuro e antes de dormir

.....

Hoje, os jornais nesta manhã sem sol
falam de coisas tão brutais
e tão acesas, como povos sem nome, sem luz
a amanhecer-lhes cor e tempos,
de mortos não por vidas que passaram,
mas por vidas cortadas a violência de ser
em cima desta terra sobre outros mortos
mal lembrados ou nem sequer lembrados

E eu penso onde ela está, onde ela cabe,
essa pura alegria recordada
que me tomou o corredor do sono,
se deitou a meu lado ontem à noite

tomada novamente tornada movimento,
mercadoria bela para cesta de vime muito belo,
como belo era o céu daquele dia

Onde cabe a alegria recordada
em frente do incêndio que vi ontem de noite?
onde as cores da alegria? o seu corte tão nítido
como se fosse alimentado a átomo
explodindo

como fazer de tempo? como fingir o tempo?

.....

E todavia os tempos coabitam
E o mesmo corredor dá-lhes espaço
e lume
(Amaral 2021: 13-15)

Neste poema encontram-se dois estados (como alude o título “Claro-escuro”), dois tempos que, aparentemente, se contradizem. Num primeiro momento, “num tempo luminoso” (Ramalho 2014: 164), observa-se o estado de inocência, um “Ontem” (Amaral 2021: 13) que se entende ser um tempo intermédio, próximo da infância (“de um dia entre criança e quase grande”). Num segundo momento, marcado pela referência temporal “Hoje”, que separa o poema nesses dois espaços temporais, a inocência dá lugar à experiência. Essa experiência é marcada pelas notícias “brutais” dos jornais, pela “violência de ser” do quotidiano. Esta dualidade chega a lembrar a coleção de poemas de William Blake, intitulada *Songs of Innocence and of Experience* (1789), onde são contrapostos estados de inocência e de experiência, sendo que estes últimos parecem impor-se sobre os primeiros, desmontando o que foi observado num estágio anterior do desenvolvimento humano.

O estado de inocência no poema de Amaral surge, contudo, já marcado por indícios de perigo e violência, como se pode observar nos versos “um céu tão cor de sangue”, “Mas era estar ali, de pé, e jovem,/ e a morte era tão longe,/ e não havia mortos nem o seu desfile”. A visão em retrospectiva feita pelo sujeito poético não ignora a violência e a injustiça do mundo, mesmo quando se é criança. A acrescentar a essa visão, a morte é também uma presença iminente desde muito cedo. Sendo jovem, presume-se que essa realidade esteja distante, contudo a alusão a um desfile de mortos permite diferentes leituras: pode constituir uma referência à passagem do tempo e às vidas que, inevitavelmente, se perdem pelo caminho, mas também uma alusão às mortes injustas consequentes de guerras, conflitos, massacres e de outros crimes que atentam contra vidas humanas.

A aparente liberdade sentida num momento “entre criança e quase grande” é ameaçada quando o sujeito poético lê “[n]os jornais nesta manhã sem sol/ (...) coisas tão brutais / e tão acesas, como povos sem nome, sem luz”. Estas notícias contemporâneas aludem a “vidas cortadas” e à “violência de ser”, por outras palavras, à violência sem fundamentos, à violência

entre famílias, entre humanos mas também à violência “em cima desta terra”, exercida sobre o próprio planeta. Uma outra referência encontra-se no verso “(...) como *estrangeiros chegando a país novo*”. A presença da palavra e da figura do “estrangeiro” neste poema, sendo que, de seguida se abordam as notícias dos jornais, parece apontar para uma realidade bastante atual: o aumento dos movimentos migratórios. A figura do estrangeiro em “país novo” não surge apenas com os migrantes do decorrente século, mas desde logo nos episódios relacionados com os descobrimentos e o período colonial.

No segundo poema da secção, “Entre mitos: ou parábola” (Amaral 2021: 16), encontramos o avesso histórico do expansionismo e do colonialismo como o conhecemos a partir de diferentes fontes. O poema apresenta, como refere Maria Irene Ramalho, “uma parábola do primeiro colonialismo europeu” (Ramalho 2014: 164). Neste poema, o foco incide sobre “os que viviam felizes nas margens do Nilo”, que desconheciam “a chegada daqueles que os haviam de reduzir/ a quase escombros”. A denúncia da violência histórica é evidente, assim como a presença do colonialismo e os seus efeitos e o modo como “devastou culturas e saberes ancestrais” (Ramalho 2014: 164). A denúncia não se fica apenas pelo passado, mas estende-se ao presente, como se observa nos seguintes versos:

(...) chegada dos exércitos
que lhes prometiam mais bem-estar e mais paz,
dizendo-lhes que para haver paz e bem-estar eram precisas
alianças e o abandono de crenças e uma história nova
a dizer-se mais útil.

Muito mais tarde,
deles ficaria uma memória a servir livros e mitos,
(...)
E muito disto não ficou na sua terra (...)
mas foi roubado, e viajou em navios, por mares diferentes,
até museus e praças de outras cores
(...)
(Amaral 2021: 17)

Tendo em mente o célebre primeiro verso do poema “Ulisses” de *Mensagem* – “O mito é o nada que é tudo” –, podemos estabelecer uma relação entre esse mito e as civilizações referidas no poema de Amaral. Também elas são o “nada que é tudo”: são o “nada”, porque já não existem (restam apenas vestígios delas), mas acabam por ser o “tudo”, pois participam da escrita da História (e, no fundo, contribuíram para ela e para o seu enriquecimento cultural em grande parte). Do mesmo modo, procurando a figura mítica no poema de Amaral, surge-nos a esfinge “que pouco importa aos donos do equilíbrio” (Amaral 2021: 18), ou seja, que “é o nada”, embora digam “ser a fonte da poesia”, ou seja, no processo de criação poética, “é

tudo”. Também os últimos versos do poema de Pessoa são relevantes para esta análise: “(...) a lenda se escorre/ A entrar na realidade,/ E a fecundá-la decorre (...)” (Pessoa 2019: 19). A lenda que fecunda a realidade corresponde nesta análise ao processo fecundo que permite a criação da poesia e também da construção histórica.

O que se observa nos “museus e praças” são vestígios dicotômicos que, simultaneamente, representam as civilizações antigas e a brutalidade tida para com elas, evidenciando o desrespeito. Os momentos históricos aqui presentes são descritos não como episódios fixos e estáticos no tempo, mas episódios que se repetem, como se de ciclos se tratasse: “Sempre assim parece ter acontecido/ com o tempo e a história./ Sempre assim parece acontecer” (Amaral 2021: 17). Se o poema terminasse com estes versos seria completamente desprovido de esperança; contudo, a estrofe seguinte insere uma locução conjuntiva e uma oração condicional, que a mantém no horizonte e que inscreve a possibilidade de mudança:¹⁷

A não ser que uma esfinge se revolte
e ganhe voo, como a esfinge de um outro povo,
não às margens do Nilo, mas de um mar
povoado de mitos e pequenas ilhas.
(*ibidem*)

A “esfinge de um outro povo” lembra também a parte intitulada “O timbre” em *Mensagem* (Pessoa 2019: 40), onde se compõe a figura do grifo, presente no brasão nacional. Nessa parte da obra pessoana ressaltam figuras consideradas primordiais na expansão marítima – o Infante D. Henrique, D. João II e Afonso de Albuquerque – e o tom presente revela-se bastante elevado, característico da epopeia clássica.

A dimensão épica é mais evidente no poema “A Gênese” (Amaral 2021: 21–24) que abre a segunda parte da obra de Amaral, intitulada “Por que outra noite trocaram o meu escuro?”. O título, aludindo aos escritos bíblicos, remete para a ideia de início do mundo, o momento da criação. A voz poética parece situar-se num plano pré-colonial para construir uma “re-visão” dos acontecimentos, possibilitando o ensaio de uma realidade paralela. Essa possibilidade ensaiada é permitida através da palavra poética que se interroga sobre o que poderia ter acontecido se outras decisões tivessem sido tomadas.

Ao contrário da aparente pureza da gênese bíblica, o pecado mortal da “cobiça” presente nesta outra gênese parece propagar-se rapidamente pelos humanos, como um “polvo cego” cujos “tentáculos brancos” se espalham “pelo tempo e através de solos vários”. Como refere Paola Poma, estudiosa de Pessoa, numa conversa sobre a obra de Ana Luísa Amaral (citando este mesmo poema), “a gênese do mundo é perversa, desigual”.¹⁸ A caracterização do polvo apresenta-se como uma denúncia clara da escravatura praticada em diferentes partes do globo na sua maioria pelas mãos de pessoas brancas provenientes da Europa. O impulso para a partida dos europeus não foi a vontade de desbravar o mar, mas a “cobiça dos poderosos”. Em “A Gênese”, os que muito possuem e os que nada possuem encontram-se lado a lado com

um mesmo objetivo; os ricos para adquirir mais riqueza, os pobres porque desejam possuir algo e melhorar as suas condições: “sonhavam de noite com um pedaço de terra a que chamar seu,/ riquezas prometidas” (Amaral 2021: 21). Atentando nos ecos pessoanos nesta obra, principalmente à dimensão épica, há que relevar que o que foi enaltecido e descrito como um sonho marcado pelo divino se revela aqui não ser mais do que “cobiça e desejo”.

A terceira estrofe aponta de uma forma bastante sublime e indireta para os massacres levados a cabo pelo colonialismo. A visão dos “corpos de gente” alegrava os animais selvagens que “[g]ratos ficaram (...)/ pelo presente inesperado, feito de carne e ossos,/ que por vezes receberam”. A gratidão dos animais traduz-se na denúncia de um massacre onde vidas humanas foram dizimadas no processo da descoberta e conversão de novos territórios. Com tempo, mesmo essa “gratidão deixou de ser praticada”, assim como as missões religiosas, “sem semente em solo novo”, gerando mais violência. Apenas um aspeto se manteve igual ao que era dantes: “o apetite dos animais”. Para este poema ser ainda mais atual, só seria necessário alterar o apetite dos animais, tendo em conta a destruição ambiental cada vez mais grave nos nossos dias. O que de facto se mantém talvez seja apenas o apetite da ambição humana.

Uma pequena estrofe de quatro versos a meio do poema alerta leitores e leitoras, como que numa interrupção da enumeração dos acontecimentos, por parte do sujeito lírico para comunicar aos leitores que tudo isto se passava já “na génese das coisas”, ou seja, no momento da criação, onde em simultâneo ocorria “a gentileza”, o “deslumbramento”. Se, por um lado, se concebe a génese como um momento de criação pacífica e plena de harmonia, por outro, *Escuro* vem desmontar esse conceito através da exposição de comportamentos moralmente condenáveis que tiveram lugar na génese e a partir dela.

Por último, centremo-nos no estudo dos poemas “O dos castelos” (Pessoa 2019: 15), que abre a *Mensagem*, e “Europa (poema 1)” (Amaral 2021: 59) e “Europa (poema 2)” (*idem*: 60), que fecham a parte central de *Escuro*, de forma a captarmos o modo como ambos a Europa é aí percecionada. Uma primeira leitura poderá fazer-nos pensar que estes poemas apresentam visões positivas e negativas, disfóricas e eufóricas que contrastam entre si:

EUROPA (POEMA 1)

É o teu sono
ou o amor de ti
que assim me faz ficar:

ao teu alcance,
mas tu: impossível?

Que monstros te povoam
tão distante de mim?

Se os sonhos o quisessem,
ainda assim os medos
te guardavam

Descoberta,
sentei-me ao teu alcance,
à espera dos teus olhos –
(Amaral 2021: 59)

“Europa (poema 1)” permite uma leitura poética que dá ao poema um tom pessoal e íntimo; contudo, também é possível extrair uma leitura política e social, destacando os problemas que são mencionados ao longo de *Escuro*. Tanto pode remeter a uma relação entre dois indivíduos como, de uma forma universal, entre a Europa e os migrantes, como já foi observado nos poemas de abertura. Essa relação parece pautar-se pela espera de reconhecimento, pelo desconforto de quem espera, pacientemente, pelo outro, pelo reconhecimento “dos [seus] olhos” (*idem*: 59). É como se a espera do olhar do outro trouxesse uma validação à sua existência.

Nessa linha de raciocínio, uma outra leitura se torna possível. Considerando o envolvimento ético da poesia de Amaral, a figura que espera o olhar de aprovação do outro surge como uma representação dos milhares (mais corretamente, dos milhões) de migrantes que aguardam a aprovação do território europeu e do reconhecimento deste para um possível acolhimento. Encontramos este tópico numa obra posterior intitulada *Ágora* (2019). O poema “Prece no mediterrâneo” transporta em si uma dimensão ética muito forte e acaba por dialogar com esta necessidade de valorização do Outro para a existência do “eu”. A busca das “vozes que nos aceitem” (Amaral 2022: 1263), presentes no poema de *Ágora* surgia já na “espera dos teus olhos” (Amaral 2021: 59) no poema de 2014 e a temática denota dimensões éticas que identificamos como sendo a problemática atual dos migrantes e refugiados.

Em ambas as leituras de “Europa (poema 1)”, a verdade é que para a existência do “eu” tem de existir também o “tu”. O ser humano existe e desloca-se na sociedade sempre em função do outro. Esse é o princípio da sociabilidade e da própria constituição da subjetividade.

EUROPA (POEMA 2)

Pouco fita a Europa, a não ser mortos,
por múltiplos disfarces: química luz,
os lumes tão reais, os nomes amputados
pelos números, mesas de números fartas

Alguma vez fitou? De que roubos e fúrias
lhe foram as paisagens? E ao assomar
defronte à maior arte sua (sinfonias abertas

como nuvens, as cores mais deslumbrantes,

rochas pintadas em soberbas linhas,
os comoventes traços e palavras),
mesmo defronte a si, distante e bela,
que ventos lhe assomaram os cabelos?

Mesmo nesse arrepio novo de um século,
que prenúncios viu ela? Guerras a destruir-lhe
solo e gentes, o brilho azul da lua nas
trincheiras, a mais pura impiedade reluzindo

Não tem olhos agora de fitar, se alguma vez
os teve: perdeu-os noutras guerras.
Resta-lhe debater-se, como golfinho em dor
preso nas redes. Não tem olhos, nem mãos,

nem fita nada a Europa. Nem cotovelos tem
que possam suportar justiça e bondade.
E mesmo aqui, se para aqui olhasse, nada veria,
a não ser outros gritos. Sem voz. Sem sul.

Sem esfinge que deslumbre.

(*idem*: 60-61)

O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é um ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.
(Pessoa 2019: 15)

“Europa (poema 2)” é o poema que mais diretamente se relaciona com “O dos castelos”, em claro diálogo com o poema pessoano. Se a Europa de Pessoa “[f]ita, com olhar sfíngico e fatal”, a Europa de Amaral “pouco fita (...) a não ser mortos”, inclusive o sujeito poético interroga-se se esta “[a]lguma vez fitou?”. Duas visões de um mesmo local são trabalhadas nestes dois poemas. A Europa de *Escuro* “[n]ão tem olhos agora de fitar, se alguma vez/ os teve: perdeu-os noutras guerras.”. Esta visão do século XXI é muito mais disfórica quando comparada com a visão pessoana do século passado. Um local devastado por consequência da “química luz”, dos “lumes tão reais” e “os nomes amputados”, resultados das guerras que tiveram e têm lugar no espaço europeu. De uma forma bastante direta, Ana Luísa Amaral contraria e desmonta a Europa pessoana, que aparece como um local sereno cujo rosto é Portugal. Por contraposição, a autora apresenta uma Europa cega, sem olhos “nem mãos”, sem justiça, nem bondade. A Europa de Amaral não tem já orientação, contrariamente à pessoana, nem voz, e “se para aqui olhasse, nada veria”. Enquanto Pessoa apresenta uma visão utópica, encarando a nação como capaz de grandes feitos, Amaral apresenta uma visão mais realista e mais próxima de uma distopia. No poema de Amaral, está presente o peso de uma História marcada por guerras; por isso, a serenidade do poema pessoano – “A Europa jaz, posta nos cotovelos” (Pessoa 2019: 15) – é substituída, em Amaral, por um desalento cego: “Sem voz. Sem sul.// Sem esfinge que deslumbre” (Amaral 2021: 61).

Uma questão fica em aberto: qual é o lugar para que o sujeito poético aponta através do advérbio de lugar “aqui” (“E mesmo aqui, se para aqui olhasse”)? Pode ser Portugal; pode, contudo, ser também o “futuro do passado” referido por Pessoa. O futuro, o “aqui” no qual o sujeito poético se situa no diálogo com “O dos castelos”. Esse futuro para o qual a Europa pessoana olha, mas que o olhar do sujeito poético presente em *Escuro* nada divisa. É esta uma terra de ninguém?

Ambas as Europas refletem a visão dos autores a partir de perspetivas influenciadas pelo contexto, tendo em consideração tudo o que ele carrega e implica. Amaral, em “Uma Terra de Ninguém com Gente Dentro: A(s) Impureza(s) da Poesia”, distingue abertamente duas Europas referindo que “a [sua] Europa não pode ser a [de Pessoa]”, uma vez que esta última “era já uma Europa sonhada, muito pouco (...) real” e a sua “encontra-se num estado mais debilitado ainda: é a Europa dos imigrantes, dos sem cidadania (...) refém da xenofobia (...) necessitada de se resgatar e à democracia. E à sua História.” (Amaral 2013: 19).

Concluimos, então, que *Escuro* opera, por vezes, como avesso de *Mensagem*, desmontando (pre)conceitos e as próprias figuras que povoam a obra pessoana de 1934. A forma como se trabalha o avesso, por parte “de uma autora que tão bem sabe escrever do avesso” (Ramalho

2014: 161), permite desarrumar por dentro e desconstruir ideias e histórias tidas como universalmente verdadeiras, embora provoque por vezes desconforto. É esse desconforto que faz com que a poesia de Amaral tenha uma capacidade de intervenção ético-poética no espaço público, incitando a uma atitude de questionação, não para negar e romper com a tradição, mas para a ampliar de forma a torná-la mais inclusiva.

NOTAS

* Alexandra Ferreira licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas em 2020 e terminou o Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes em 2022, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese *Entre mitos e outras vozes: Ecos de Fernando Pessoa em Escuro de Ana Luísa Amaral*. Em 2024 terminou o curso de Design Gráfico na Lisbon School of Design do Porto e no seu percurso de vida concilia a literatura e a comunicação visual da forma mais harmoniosa.

¹ Ensaio elaborado, com algumas alterações, a partir de um capítulo da minha dissertação de mestrado *Entre mitos e outras vozes: Ecos de Fernando Pessoa em Escuro, de Ana Luísa Amaral*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2022.

² Palestra proferida em homenagem a Ana Luísa Amaral que teve lugar na Feira do Livro do Porto 2022. A palestra tem como título *Ana Luísa Amaral: poesia e mundo* e encontra-se disponível no youtube.

³ A autora usa esta expressão no seu artigo sobre *Escuro* de Amaral, partindo da definição de Ezra Pound de epopeia, "An epic is a poem including history", inserida no seu ensaio "Date line" (1934), do mesmo ano da obra pessoana em análise (Pound 1935: 86).

⁴ Expressão usada pela crítica literária na análise de *Dezanove Recantos*, de Luíza Neto Jorge (apud Freitas 2014: 176).

⁵ Evento que decorreu no Auditório da Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, a 23 de novembro de 2021.

⁶ Existem já vários estudos sobre a construção do avesso de Amaral, como por exemplo, Ramalho 2014 e 2016; Alves 2008; Gens 2020; Freitas 2019 e 2020.

⁷ Para uma análise comparada do diálogo com a tradição, nomeadamente com Camões e Pessoa, cf. Gens 2020: 71-76, 94-110.

⁸ Como se sabe, a separação de poderes instituída pela legislação republicana traduziu-se num empobrecimento material da Igreja e da destituição de personalidade jurídica da mesma. Sobre o assunto, cf. Ramos *et. al.* 2009.

⁹ Sobre Pessoa e o seu envolvimento na realização de um Quinto Império a partir da língua e da cultura portuguesa cf. os artigos de Luísa Medeiros, "Onde se vê que o 5.º Império é o da língua portuguesa" (92-95) e de Paula Cristina Costa, "Onde Pessoa se revela «criador de civilização»" (96-99). Sobre a dimensão profética da epopeia pessoana, cf. o ensaio "Para um encontro multiplanar com o profetismo da *Mensagem*", de José Carlos Seabra Pereira (Ramalho/Pereira/Lourenço 2006: 39-75).

¹⁰ Criado por Salazar durante o Estado Novo, o SPN tinha como objetivo “estimular a produção de arte e literatura nacionais, desenvolvendo a imagem de Portugal através dos seus escritores e artistas” (Zenith 2022: 928).

¹¹ Sobre as vicissitudes da publicação de *Mensagem* – e intervenção de António Ferro – cf. José Barreto, “A ‘Mensagem’ de Fernando Pessoa e o prémio da poesia do SPN de 1934”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 14 (Fall), 2018, pp. 289–329.

¹² Sendo *Mensagem* “um livro capaz de despertar os portugueses de um sono profundo e preparar Portugal para ser uma nação culturalmente orgulhosa e espiritualmente consciente” (Zenith 2022: 958).

¹³ Maria Isabel Tavares Coelho, na sua tese, *Mensagens de Mensagem, de Fernando Pessoa*, analisa o relevo do número três na obra pessoana, nomeadamente na conceção tripla do tempo (Coelho 2020: 20). O número três remete-nos para a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e a divisão da obra pessoana também se pode avaliar segundo esta divisão religiosa.

¹⁴ Nesse mesmo ano, a autora comentava a situação económica de Portugal numa crónica do jornal *Público*, intitulada “Banco bom, banco mau, ou parábola (politicamente incorreta)”: “(...) no caso do banco partido ao meio (...) Nem sequer prisão. Claro que se dizia (mas isto eram rumores) que havia um ministro do rei que havia sido preso, mas era a fingir, porque de facto tinha-lhe bastando uma bolsa de moedas de ouro para ficar refastelado, a descansar no palácio do rei” (Amaral 2014). Amaral denunciava, com ironia, o modo como a crise afeta os mais pobres, referidos pelo termo genérico de “camponeses”.

¹⁵ No poema “Existenciais definições”, inserido na obra poética *E todavia* (2015), escreve Amaral, recuperando a ideia de império: “Será ser portuguesa, / tal como português: / destino deslumbrante / e nacional? // Um novo império / sobre velhos pés? / Ou como descumprir-se / Portugal?” (Amaral 2015: 90–91; 2022: 1038–1039). Numa referência direta à *Mensagem* pessoana, introduzindo o que poderemos chamar “micro avesso” do famoso verso “Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (Pessoa 2019: 49), Amaral fala em “descumprir-se Portugal”, apontando para a necessidade de desconstrução ou reformulação da palavra e dos atos, no sentido de uma inclusão total de portugueses e portuguesas, ou mesmo de não portugueses e não portuguesas, numa sociedade que pertence a todos.

¹⁶ Para um aprofundamento destas questões, ver Ferreira 2022, em especial o capítulo “‘Não há rainhas, não’: Re-visão dos limites da História”.

¹⁷ Esta é uma das marcas características da escrita de Ana Luísa Amaral, onde a linguagem poética permite a criação de espaços de possibilidade e o exercício de universos paralelos que vão desmontar o cenário, virando-o do avesso, trabalhando na fronteira. E aqui remeto para o que Amaral escreveu no seu estudo sobre Emily Dickinson: “(...) o espaço da possibilidade [permite] exercitar vozes várias, e mesmo distendê-las” (Amaral 2013: 14).

¹⁸ Conversa com a própria Ana Luísa Amaral, “Luso-Brasileiras: práticas e trânsitos” (Amaral et al. 2022: 1:00:35).

Bibliografia

- Alves, Ida (2008), "Entre Poemas de Ana Luísa Amaral", *Matraga*, n.º 15, vol. 23: 227-233.
- Amaral, Ana Luísa (2013), "Uma Terra de Ninguém com Gente Dentro: A(s) Impureza(s) da Poesia", *eLyra*, n.º 12, vol. 2: 19-24.
- (2014), "Banco bom, banco mau, ou parábola (politicamente incorrecta)", *Público*, 28 de agosto < <https://www.publico.pt/2014/08/28/economia/opinioao/banco-bom-banco-mau-ou-parabola-politicamente-incorrecta-1667752>>.
- (2018), "O Reason not the need! da poesia, outras moradas e saberes". Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Oração de sapiência].
- (2015), *E Todavia*. Porto, Assírio & Alvim.
- (2017), *Arder da palavra*. Lisboa, Relógio d'Água.
- (2021), *Escuro*. Porto, Assírio & Alvim [2014].
- (2022), *O olhar diagonal das coisas*. Porto, Assírio & Alvim.
- Amaral, et. al. (2022), "Luso-Brasilidades: práticas e trânsitos". *Gabinete Real the Leitura: Conversa com Ana Luísa Amaral*. Maio. (consultado em <https://www.youtube.com/watch?v=4rc8yzwP_sY&t=3447s&ab_channel=RealGabinete>).
- Amaral, Ana Luísa / Nicolau Santos (2018), *Pessoa convida Pessoas*. Sessão do ciclo de masterclasses, 16 de maio [registo online: parte 1 <https://www.youtube.com/watch?v=ysSiycqmtk&t=743s&ab_channel=Munic%C3%ADpiodeOeiras>].
- Azevedo, Maria da Conceição (2001), «A recriação do mito como revisão da História na "Mensagem" de Fernando Pessoa», in César, Constança Marcondes & et. al. (2001), *Mito e cultura. Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa. Actas do V Colóquio Tobias Barreto* [actas de colóquio]. Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira: 197-209.
- Barreto, José (2018), "A 'Mensagem' de Fernando Pessoa e o prémio da poesia do SPN de 1934", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 14 (Fall), 2018, pp. 289-329. Brown Digital Repository [Documento em linha]. Brown University Library [retirado de <<https://doi.org/10.26300/eray-jf59>> a 10 de novembro de 2021]: 289-329.
- Belchior, Maria de Lurdes (1973), "A Literatura e a cultura portuguesas na viragem do século XIX para o século XX" in *Revista da Faculdade de Letras* (Série de Filologia). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (vol.1): 11-30.
- Coelho, Maria Isabel Tavares (2020), *Mensagens de Mensagem, de Fernando Pessoa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa.
- Costa, Paula Cristina (1993), "Onde Pessoa se revela «criador de civilização» in Lopes, Teresa Rita (coord.), *Pessoa Inédito*. Lisboa, Livros Horizonte: 96-99.
- Dias, João de Almeida (2015), "Portugal 2014. O ano em que emigrámos mais do que nunca e morremos ainda mais do que nascemos", in *Observador*, 16 de junho (disponível em <<https://observador.pt/2015/06/16/portugal-2014-o-ano-em-que-emigramos-mais-do-que-nunca-e-morremos-ainda-mais-do-que-nascemos/>>).

- Ferreira, Alexandra (2022), *Entre mitos e outras vozes: Ecos de Fernando Pessoa em Escuro, de Ana Luísa Amaral*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Freitas, Marinela (2014), *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas faces?*. Porto, Edições Afrontamento.
- (2019), “«Vergonha é não amar»: A poética queerente de Ana Luísa Amaral”, in *Legados e heranças: políticas (inter)sexuais hoje*, Porto, Edições Afrontamento, ILC.
- (2020), “«Meu senhor de quê”: travestimentos da voz da poesia de Ana Luísa Amaral». in *Pontos de Interrogação*, n.º 2, vol. 10 (Edição Especial). Salvador, Universidade do Estado da Bahia: 145-163.
- Gens, Maria Manuela Moreira (2020), *Intertextualidades na poesia de Fíama Hasse Pais Brandão e de Ana Luísa Amaral*. Dissertação de Mestrado. Porto, FLUP.
- Lopes, Teresa Rita (coord.) (1993), *Pessoa Inédito*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Lourenço, Eduardo, (2014), “Obscura luz [crítica a Escuro, de Ana Luísa Amaral]”, In *Colóquio/ Letras*, n.º 187, setembro: 198-205.
- Martelo, Rosa Maria (2021), *Lançamento de «Mundo» de Ana Luísa Amaral*. Sessão de apresentação. Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett. 23 de novembro [disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4hWg9_UZblk&t=253s&ab_channel=Ass%C3%ADrio%26Alvim>, consultado pela última vez em 26 de setembro de 2024].
- Martins, Fernando Cabral (coord.) (2008), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa, Caminho.
- Medeiros, Luísa (1993), “Onde se vê o que o 5.º Império é o da língua portuguesa”, in Lopes, Teresa Rita (coord.), *Pessoa Inédito*. Lisboa, Livros Horizonte: 92-95.
- Pessoa, Fernando (1912a), “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”. [recurso online], *Arquivo Pessoa: Obra Édita*. Acedido em: 15 de outubro de 2021 em <<http://arquivopessoa.net/textos/3101>>
- (1912b), “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”. [recurso online], *Arquivo Pessoa: Obra Édita*. Acedido em: 15 de outubro de 2021 em <<http://arquivopessoa.net/textos/3090>>
- (1935), *Elegia na sombra*. *Arquivo Pessoa: Obra Édita* (Acedido em: 15 de outubro de 2021 em <<http://arquivopessoa.net/textos/57>>).
- (1993), “A agitação política e a literatura”, in Lopes, Teresa Rita (coord.), *Pessoa Inédito*. Lisboa, Livros Horizonte: 310.
- (2019), *Mensagem*. Porto, Assírio & Alvim [1934].
- (s/d), “António de Oliveira Salazar”, *Arquivo Pessoa* (consultado em <<http://arquivopessoa.net/textos/4357>>)
- Pound, Ezra (1935), “Date line”, in *Literary Essays of Ezra Pound*. Ed. T. S. Eliot. London, Faber and Faber: 74-87.
- Quadros, António (1989), *O primeiro modernismo português. Vanguarda e tradição*. Sintra, Publicações Europa-América.

- Ramalho, Maria Irene (1994), "O cânone nos estudos anglo-americanos", *O cânone nos estudos anglo-americanos*. Org. Isabel Caldeira, Coimbra, Minerva: 11-29.
- (2014), "Quando o lírico interrompe o épico: *Escuro*, de Ana Luísa Amaral", in *Abril – NEPA/UFF*, n.º 6, vol. 13: 161-165.
- (2016), Posfácio "Ara ou o desassossego da poesia", In *Ara*. São Paulo, Iluminuras: 73-78.
- (2022), *Ana Luísa Amaral: Poesia e Mundo* (Lição proferida no âmbito das homenagens a Ana Luísa Amaral na Feira do Livro do Porto), 27 de agosto. [registo em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3co7uW4OTjw&ab_channel=portoponto>, consultado pela última vez a 23 de setembro de 2022].
- Ramalho, Maria Irene / José Carlos Seabra Pereira / António Apolinário Lourenço (2006), *Mensagem de Fernando Pessoa 70 Anos Depois*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa.
- Ramos, Rui & Monteiro, Nuno Gonçalo & Sousa, Bernardo Vasconcelos // Ramos, Rui (coord.). (2009), *História de Portugal*. Lisboa, A Esfera dos Livros.
- Rich, Adrienne (1971), "When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision", in Gelpi, Barbara Charlesworth & Gelpi, Albert (eds.) (1993), *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York, W.W. Norton & Company: 182-192.
- Soeiro, José (2022), *Homenagem a Ana Luísa Amaral*, in *Expresso* (23 de agosto). (consultado em <https://www.esquerda.net/opiniao/homenagem-ana-luisa-amaral/82473> a 22 de setembro de 2022).
- Sousa, Rui (2011), *Os bastidores de Orpheu: Visões dos do grupo a respeito do seu tempo e do seu projecto*. Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Zenith, Richard (2022), *Pessoa. Uma biografia*. Lisboa, Quetzal Editores.